



O perdigoto e o Sars-Cov-2: a voz em mundos pós-humanos

Nathalia Muller Camozzato

Universidade Federal de Santa Catarina, Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, 88036-020, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: nathy.rigby@gmail.com

RESUMO. Busca-se, em diálogo com as chamadas perspectivas pós-humanistas, com as teorias do discurso e a par dos efeitos da pandemia Sars-CoV-2, descrever a emergência de uma nova cartografia para a voz, como um complexo semiótico-discursivo-material interespecie que desafia o estatuto do humano tal como produzido pela modernidade europeia. Para tanto, a partir de um arcabouço foucaultiano e dos conceitos baradianos de agência e de intra-ação, propõe-se que a coexistência entre humanos e o vírus Sars-CoV-2, ao produzir uma pandemia, fez emergir novos regimes de inteligibilidade, visibilidade e audibilidade para a voz que, por sua vez, requisitam uma revisão epistemológica que considere a presença, a vulnerabilidade dos corpos e a assimétrica distribuição de escuta, de vida e de morte. Assume-se, finalmente, a viragem ética que a voz solicita no âmbito das relações corpo a corpo, em sua materialidade e discursividade, de toda forma, embate de lutas, que caracteriza a vida e as relações interespecie na Terra.

Palavras-chave: voz; pós-humanismo; Sars-CoV-2; discurso; espécies companheiras.

The perdigoto and the Sars-Cov-2: the voice in posthuman worlds

ABSTRACT. We seek, in dialogue with the so-called posthumanist perspectives, with discourse theories, and alongside the effects of the Sars-CoV-2 pandemic, to describe the emergence of a new cartography for the voice, as an interspecies semiotic-discursive-material complex that challenges the status of the human as produced by European modernity. To this end, drawing on a Foucauldian framework and the Baradian concepts of agency and intra-action, it is proposed that the coexistence between humans and the Sars-CoV-2 virus, by producing a pandemic, has brought forth new regimes of intelligibility, visibility, and audibility for voice that, in turn, require an epistemological revision that considers presence, the vulnerability of bodies, and the asymmetrical distribution of listening, life, and death. It is assumed, finally, the ethical turn that the voice requests in the sphere of body-to-body relations, in its materiality and discursiveness, in every way, clash of struggles, that characterizes life and inter-species relations on Earth.

Keywords: voice; posthumanism; Sars-CoV-2; discourse; companion species.

Received on April 21, 2021.

Accepted on July 6, 2021.

Introdução

Neste artigo busco, em diálogo com as chamadas perspectivas pós-humanistas, com as teorias do discurso e a par dos efeitos da pandemia Sars-CoV-2, descrever a emergência de uma nova cartografia (Rolnik, 2006; Preciado, 2017) para a voz, tomada aqui como um espaço de encontro entre corpo e língua(gem) (Dolar, 2007; Agamben, 2008; Souza, 2009; Cavarero, 2011; Jarman-Ivens, 2011; Camozzato, 2016; 2017; 2020) e como um tropo de inflexão da materialidade não-humana (objetos, animais e tecnologias) na língua(gem), protagonista do suposto 'excepcionalismo humano' (Buzato, 2019). Elaborando com teóricas pós-humanistas uma noção não antropocêntrica de 'agência' (Haraway, 2008; Bennett, 2010; Haraway, 2016; Barad, 2017), como será visto a seguir, proponho que a coexistência entre humanos e o vírus Sars-CoV-2 em um contexto pandêmico produziu novos regimes de inteligibilidade, visibilidade e audibilidade para voz que solicitam uma revisão ética que considere a presença e a vulnerabilidade dos corpos, a assimétrica distribuição de escuta e de morte e as relações interespecie que, nos termos de Haraway (2016), constituem as possibilidades de vida na Terra.

Quanto ao vértice entre os chamados estudos pós-humanistas os estudos linguísticos e de discurso, uma pequena nota introdutória. Para Braidotti (2013), o pós-humanismo constitui-se como um momento histórico que demarca o fim das polaridades entre Humanismo e anti-humanismo buscando um enquadramento discursivo capaz de oferecer alternativas de forma mais afirmativa.

O rótulo Pós-humanismo¹ acaba por açambarcar uma série de diferentes escopos reflexivos, entre os quais, Francesca Ferrando (2019) encontra, como mais robustos vetores teóricos: os chamados pós-humanismos filosófico, cultural e crítico; os transumanismos; os novos materialismos feministas; e os meta-humanismos. Se a definição de cada uma das vertentes pós-humanistas extrapola o tempo/espaço deste estudo, é importante que eu esboce algumas das principais características partilhadas pelas diferentes frentes do campo teórico, a saber: a disjunção à crença na excepcionalidade humana; a crítica ao sujeito do humanismo (produto do iluminismo/modernidade europeus) em sua presunçosa autodeterminação e coerência racional interna; a revisão da colonialidade do estatuto humano que, pretendendo-se universal e genérico, aponta para um corpo-sujeito particular (+ocidental/europeu; +masculino, +branco, +cisgênero, +detentor de propriedade, + acesso ao poder de representar o outro) e produz seu fora, as/os menos-que-humanas/os; o borramento de fronteiras entre sujeito (na maioria dos casos humano) e objeto (não-humanos ou mais-que-humanos, como coisas, criaturas e materialidades), de forma a propor onto-epistemologias não-hierárquicas que deem conta das *assemblages* complexas que envolvem, por exemplo, linguagem e materialidades; a rejeição à dicotomia humano/cultura x natureza; o labor reflexivo em torno da técnica, das redes sociotécnicas e da tecnologia, imbricando, em um mesmo agenciamento, elementos orgânicos e inorgânicos; e, finalmente mas não exaustivamente, a preocupação ética, estética e política com a vida partilhada na Terra, sobretudo considerando o tempo histórico de influências do fazer humano em escala geológica, caso do Antropoceno e do Capitaloceno.

As interpenetrações entre os estudos da linguagem e do discurso, sobretudo no campo da Linguística Aplicada, e os estudos pós-humanistas têm como marco a publicação de *Posthumanist Applied Linguistics* por Pennycook (2018). No texto, Pennycook dialoga a LA aos estudos pós-humanistas e decoloniais, tecendo provocações que distribuem a linguagem nos mundos humanos e não/mais-que-humanos, solicitando, para tanto, um fôlego renovado na compreensão do que a caracterizaria ontológica e epistemologicamente. No campo estudos linguísticos e discursivos no Brasil, destaco como as reflexões pós-humanistas vêm se materializando no trabalho de Buzato (2016a; 2016b; 2018; 2019), que organizou recentemente uma edição especial no periódico 'Trabalhos em Linguística Aplicada' chamada 'O pós-humano é agora – pós-humanismo, ação e significação' (2019), e também no trabalho de Butturi Júnior (2019a; 2019b; 2020a; 2020b), que tem mobilizado a orgânica-inorgânica figura da/o ciborgue de Haraway (2009), o enredamento hifenizado tecnobiodiscursivo e os novos materialismos no delineamento de um dispositivo crônico do hiv/aids, entre o discursivo e o não discursivo.

Para situar este texto, a escrita acompanha o esforço de pesquisa que tenho feito em minha tese para acompanhar as linhas que cartografam a(s) voz(es) de forma sensível (i) aos regimes de audibilidade que hierarquizam e qualificam a possibilidade mesma de reverberação e escuta de uma voz, considerando sobretudo os vértices de gendramento e racialização dos corpos e sujeitos (Camozzato, 2017; 2020) e seus efeitos nos corpos-sujeitos; (ii) às compreensões oferecidas pelos novos materialismos acerca das intra-ações² (Barad, 2017) entre materialidades e discursos, ambos agentivos nos processos de constituição de mundo (*worlding*); (iii) à constituição da voz como não remissível a um corpo-sujeito produtor, mas, antes, dada em agenciamentos (Deleuze & Guattari, 1995) ou em enredamentos (*entanglements*) compostos de elementos semióticos, materiais e discursivos ontologicamente distintos (Mazzei, 2013); e, finalmente, às estratégias de responsabilidade e de 'devir-com' (*become with*) mundos e criaturas mais-que-humanos, considerando a *sympoiesis* que caracteriza os laços que perfazem a vida e a morte neste planeta (Haraway, 2016). Diante dessas discussões, questiono: o que há na voz que, em sua materialidade articulatória e acústica intimamente relacionada à língua(gem), poderia produzir ranhuras na estrutura do edifício que articula, de uma só feita, antropocentrismo, humanismo, sujeito e linguagem?

Nesse interim, o que ora proponho é, assumindo a possibilidade de uma fabulação de mundo (Haraway, 2016), acompanhar o emaranhado material-discursivo interespecie em um agenciamento que tem vinculado, a partir da deflagração da pandemia de Sars-CoV-2, em março de 2020, vozes, máscaras, vírus, corpos, pandemia (ela mesma já um agenciamento) e uma distribuição assimétrica de vulnerabilidade, de vida e de

¹ Opto por manter o uso da nomenclatura pós-humanista mesmo que uma das referências mais mobilizadas por este trabalho, Donna J. Haraway, tenha, em seus trabalhos mais recentes, se desassociado de tais estudos e, assumido suas reflexões como *compost* e não *posthuman* (Haraway, 2016).

² Intra-ação (*intra-action*) é um dos conceitos praticados por Karen Barad, que diz respeito não separabilidade ontológica entre as partes envolvidas em um mesmo fenômeno, bem como à inseparabilidade entre o que constituiria "dentro" e o que constituiria "fora", ainda que se trate do 'material' e do 'linguístico', ou do 'humano' e do 'material'. Barad o delinea da seguinte forma: "[...] práticas excludentes/específicas corporizadas como configurações materiais de mundo (i.e: práticas discursivas/(con)figurações, mais que 'palavras') e fenômenos materiais específicos (i.e. relações, mais que 'coisas'). Tal relação causal entre os dispositivos de produção corpórea e o fenômeno produzido é uma de 'intra-ação agencial'" (Barad, 2017, p. 19, grifos da autora)

morte. Nesse sentido, como as referências acima mobilizadas permitem inferir, trata-se, aqui, de pensar a voz tanto como um acontecimento produzido pelo discurso (i.e, os enunciados que fazem falar a voz) e pela linguagem (i.e sua articulação linguística) quanto como um acontecimento material – materialidade dos órgãos que vocalizam, topologia da vibração ondulatória emitida, interpenetração do circuito da voz pela saliva como um caldo interespecie (água, minerais, secreções digestivas, bactérias e, evidentemente, vírus).

Para me aproximar dessa complexidade, na esteira de Barad (2017), e do conceito de intra-ação, ventilo a possibilidade de que práticas discursivas passem, então, a serem tomadas como (re)configurações materiais específicas do mundo pelas quais determinações locais de fronteira, propriedades e significados são diferencialmente operadas. O que Barad (2017) especificamente oferece em sua viragem discursiva é a possibilidade de que a matéria deixe de ser suporte, referente ou fonte de viabilidade para o discurso e passe a ser tomada, ela mesma, como discurso – no sentido de ‘algo que restringe, exclui’ e ‘cria condições de possibilidade’. Tem-se, consequentemente, que as dimensões materiais de práticas regulatórias são fatores importantes no processo de materialização do mundo.

Chego, então, à fabulação de uma ‘voz perdigoto’ que busca narrar como, no agenciamento complexo da pandemia de Sars-CoV-2 enquanto um acontecimento do âmbito da naturezacultura (Haraway, 2016), os enunciados da voz (aglomerados material-semiótico-discursivos) deflagraram uma nova *assemblage*, integrada também pela materialidade da saliva expelida na fala e pelas diferentes espécies com que essas unidades chamadas corpos são compartilhadas. Materializo essa proposição a partir de uma série que recorta três regimes de visibilidade para a voz e a partir de uma reflexão acerca da audibilidade da voz à luz de um viés relacional e corporal-materialmente ético.

Além desta introdução, o artigo se compõe de, na seção 2, uma estória da P1, variante do Sars-CoV-2 como uma espécie companheira (Haraway, 2008) brasileira. Na terceira seção, caracterizo isso que chamei de ‘voz perdigoto’ e, na quarta, a partir de uma discussão pós-humanista de agência, analiso os regimes de audibilidade e visibilidade da voz na *assemblage* agencial pandêmica. Finalmente, na seção 5, faço breves considerações finais e, na 6, estão as referências do trabalho.

Uma estória para a pandemia: P1, a variante companheira brasileira

Já em *When Species Meet*, Donna Haraway (2008) formulou a noção de espécies companheiras (*companion species*) para dar a ver não apenas as relações de companheirismo que humanos estabelecem com certos animais, mas, sobretudo, os irremediáveis entrelaçamentos entre humanos, animais e outros organismos/criaturas, topologia e tecnologias. O entendimento que posiciona o vírus Sars-CoV-2 como uma espécie companheira do humano – que, em intra-ação (Barad, 2017) com outros fenômenos bio/necropolíticos, tecnobiodiscursivos, de governo, em suas materialidades possibilitam uma pandemia humana – não aponta para uma moralidade, uma ‘boa’ simbiose entre viventes humanos e criaturas mais-que-humanas, como vi em interpretações que circularam em alguns fóruns de discussão, mas para um acontecimento interespecie, no caso, perigoso, no âmbito da naturezacultura.

Ainda que a pandemia, como próprio nome deflagra, seja um fenômeno que se espraia pelo planeta, opto por contar aqui uma parcela estória³ brasileira, atenta aos detalhes e à dimensão inextricavelmente local em que se dá o agenciamento que busco percorrer. Se desde janeiro de 2020 havia um fantasma chamado ‘novo coronavírus’ rondando noticiários e imaginários, a circulação do vírus entre os corpos e geografias brasileiras apenas se tornou palpável em março do mesmo ano. Passadas duas semanas de todas as trocas, contatos e embates corporais do carnaval brasileiro, repentinamente criou-se uma nova sociabilidade, então alicerçada (i) na falta de acúmulo sobre o funcionamento, transmissão e circulação do vírus; (ii) no perigo de contágio que transforma qualquer indivíduo em possível vetor contaminante e em possível doente, em que pese a falta de mecanismos de coexistência com o vírus – como testes e medidas profiláticas e considerando que tal perigo de contágio/de tornar-se vetor de doença incide sobretudo naqueles/as mais empobrecidos e com menos condições de isolamento de forma que se acentuem os impactos do racismo e de sua necropolítica (Mbembe, 2018) e; (iii) na então ausência de vacinas ou tratamentos eficazes – mesmo a histórica celeridade de sua produção entre 2020 e 2021 não redundou em políticas de vacinação no Brasil que deem conta do contínuo agravamento da pandemia, que se encontra em seu pior estágio no ano de 2021 – solicitado estratégias de

³ Uso o termo estória aludindo a uma reivindicação feita por Haraway (2016), quando, ao fabular o Chthuluceno – um tempo geológico tentacular, voltado para o futuro e para a reparação possível dos efeitos de outro tempo contemporâneo seu, o Antropoceno/Capitaloceno –, pede por narrativas locais, parciais e não inocentes, narrativas que se contraponham à dinâmica histórica ao se alinharem estreitamente às suas topologias e aos seus detalhes.

imunização política que, na verdade redundam em estéticas de si (Foucault, 2003) em que o sujeito age em defesa do próprio corpo e que interpenetram o modelo da Lepre (exclusão e cerceamento) e o modelo da peste (bipolítica e controle; Foucault, 2014).

Há uma saturação de enunciados e de dispositivos pandêmicos que esta escrita não consegue e nem tenta acompanhar. Resta-me, em uma tentativa de descrever o indescritível, demarcar como, a partir da agência do vírus Sars-CoV-2 nos corpos humanos, a aliança entre a biopolítica o racismo de estado (Foucault, 2008), no Brasil, instaurou um novo capítulo do genocídio das populações pobres e racializadas, um epistemi-etnocídio das populações indígenas e um ‘fazer morrer’ de corporalidades humanas mais vulneráveis aos efeitos do vírus em seu corpo. Aponto, assim, para o fenômeno em que a praticamente livre circulação do vírus em corpos brasileiros – em termos de governo, a falta de políticas federais de proteção à saúde da população e as reiteradas vezes em que o presidente Jair Bolsonaro se posicionou contra medidas profiláticas de distanciamento e isolamento e os efeitos que isso gerou/gera, além de sua sabida recusa e boicote às políticas de vacinação – uma nova espécie companheira do humano, redundando em um fenômeno de intra-ação interespecie (Haraway, 2008; 2016; Barad, 2017), que cria condições para a emergência de novas mutações e cepas de Sars-CoV-2, como a P1, chamada de Variante Brasileira, que reinstaurou uma crise de abrangência nacional no sistema de saúde, levando o país a, quando da escrita deste artigo, à média de 3.000 óbitos diários pelo covid e ao marco de 482.000 óbitos.

Argumenta-se, assim, que, desde uma perspectiva não inocente e que não busca resgatar um mundo idílico, remontando o que era o mundo a.C (antes da Covid), compreender o Covid-19 como uma espécie companheira é compreender o fenômeno em que, enquanto habitantes deste planeta seriamente ameaçado (e, precisamente, deste Brasil ameaçado), vivendo no tempo histórico/geológico do Antropoceno/Capitaloceno, estamos e estaremos sempre adentrando relações simbióticas com outras espécies, relações – inclusive de morte – que nos solicitam responsabilidade (*responseability*) (Haraway, 2016). Quanto à noção de responsabilidade (tradução livre do conceito de Haraway), trata-se das habilidades de responder eticamente, buscando formas de bem viver e de bem morrer, considerando e devendo-com mundos humanos e mais-que-humanos, e garantindo a possibilidade de permanência e continuidade sobretudo das mais ameaçadas comunidades de humanos e de criaturas, aquelas cujas vidas não são enlutadas (Butler, 2015) e que a incidências de políticas de fazer morrer (Mbembe, 2018) são mais intensificadas.

Por outro lado, como se vê na estória brasileira que ora percorro, a intra-ação pandêmica entre humano, vírus, distribuição da pobreza e da precariedade, bio/necropolíticas, materialidades, tecnologias e discursos na cultura natureza, capturam o vírus em um agenciamento que amplia o escopo e a incidência de táticas de uma soberania bolsonarista, estreitamente alinhada a outras forças neoliberais, que se erige em cima do horror – as linhas de fuga não são necessariamente linhas de vida, nos advertiam Deleuze e Guattari (2006). Ao dizer horror, remonto aos altos índices de mortalidade por Sars-CoV-2 – enquanto, neste momento, o mundo comemora uma ‘saída’ da pandemia, no Brasil vivemos seu momento mais dramático dada a propagação da variante P1, a ausência de políticas que permitam à toda população responsabilizar-se por uma convivência menos letal com vírus e a resistência à política de vacinação oferecida pelo presidente⁴ –; as contínuas políticas de envenenamento dos alimentos⁵; projeto de destruição da Amazônia humana/mais-que-humana pelo agronegócio⁶ e pelos garimpos e madeiras; a corrida armamentista; a perseguição a universidades, professores, comunidades LGBTQI+ e a descrição desse agenciamento é interminável.

De fato, se a chamada perspectiva pós-humanista solicita agência às materialidades e às criaturas mais-que-humanas, é importante ter em conta que a inexorável agência do vírus Sars-CoV-2 na configuração da pandemia intra-age com a agência de determinadas formas de governo e de sociabilidade. Assim, em nossa corporeidade, a pandemia nos mostra como, em termos biológicos, a noção de indivíduo é impraticável e como – mais do que devir – em nossa condição de terrestres é imperativo um ‘devir com’ (*become with*; Haraway, 2008; 2016).

⁴ Recupero, discursivamente, como Giulia Vidale, repórter da Veja, sistematizou os ‘erros fatais’ das políticas bolsonaristas de vacinação nos seguintes termos: ‘Ignorou a oferta da Pfizer’; ‘Recusou a compra da CoronaVac’; ‘Aposta em apenas uma vacina’; e ‘Negação sobre importância da vacinação’. (Recuperado em Março de 2021 de <https://veja.abril.com.br/brasil/os-4-erros-fatais-do-bolsonaro-na-vacinacao-contra-covid-19/>)

⁵ Desde o início do governo Bolsonaro foram aprovados 590 novos agrotóxicos, dentre os quais, sete extremamente tóxicos para o consumo humano. Notícia veiculada pelo Portal O Globo. (Recuperado em Março de 2021 de <https://oglobo.globo.com/sociedade/governo-federal-aprova-67-agrotoxicos-sete-sao-extremamente-toxicos-para-ser-humano-24899320>)

⁶ Em 22 de abril de 2020, na reunião ministerial-acontecimento do governo bolsonarista, cujo vídeo foi disponibilizado pelo ministro Celso de Mello (STF), entre uma sorte de outros acontecimentos enunciativos – como aquele em que o então ministro Weintraub, sobre o STF, diz ‘Por mim, botava esses vagabundos na cadeia’ – algumas declarações feitas pelo ministro do meio ambiente Ricardo Salles materializam o agenciamento entre as políticas de base neoliberal de catástrofe, horror e precarização praticadas pelo governo e os efeitos nos corpos encetados pela pandemia. Diz: “[...] tranquilidade no aspecto de cobertura da imprensa, porque só fala de covid e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando as normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo [...]”. (Recuperado em Março de 2021 de <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>)

Se, para alguns de nós, o medo do contágio e da transmissão atravessava/atraversa o contato com qualquer coisa/criatura estrangeira ao próprio corpo e ao ambiente doméstico – sintoma que apareceu, por exemplo, na angústia de algumas pessoas em não saber como higienizar corretamente as bananas ou outros hortifrúteis que não são costumeiramente laváveis – a convivência com o vírus e a infecção tornou as interações mais cotidianas com ‘o outro’ um risco iminente. O medo e a angústia se acentuam ainda mais diante da especificidade como se sabe ocorrer a transmissão de coronavírus entre os corpos humanos: seu veículo oral/nasal, sua intimidade com as mucosas e com a boca/saliva/narinas/secreções – e, aí, desde uma perspectiva discursiva atenta à materialidade, argumento sua intimidade com a enunciação e com a língua(gem). Na seção seguinte, a partir da ‘irremediável topia’ do vírus, que articula espaços outros, heterotópicos (Foucault, 2013), passo a uma dada forma de pensar a voz a partir dessa estória pandêmica.

A voz perdigoto

Supondo a possibilidade, tal como reivindicada por Mazzei (2013), de uma voz sem órgãos (*voice without organs*, em diálogo com o Corpo sem Órgãos, de Deleuze e Guattari; Deleuze & Guattari, 2006), possibilidade que, tal como esboçado acima, compreende a voz como efeito de um agenciamento e como um fenômeno cujas fronteiras se delineiam em processos de intra-ção entre elementos ontologicamente distintos (Barad, 2017), gostaria de me deter, agora, nisso que passo a chamar de ‘voz perdigoto’ ou a dimensão ‘perdigoto’ da voz – uma inteligibilidade para a voz sem órgãos (Mazzei, 2013) que entendo emergir a partir do acontecimento infeccioso da pandemia e das técnicas profiláticas de si e de gestão da vida aí disseminadas, como uso da máscaras – aquelas artesanalmente feitas de pano aos modelos mais filtrantes, como a PFF2 – o uso de *faceshields*, as práticas de distanciamento entre corpos, entre outros.

De antemão, recupere-se, o perdigoto, termo que nomeia pequenos filhotes da ave perdiz, corresponde às gotículas de saliva e outras secreções expelidas na fala, tosse ou espirro. Assim, se esse vetor de contaminação já era alvo de atenção em saúde em se tratando de outras doenças infectocontagiosas, o perdigoto adquire um outro estatuto quando do acontecimento pandêmico do novo coronavírus. Ademais, em diálogo com Haraway (2008; 2016), é possível predicar o perdigoto como microespaço de contaminação, inter e intra-ações, ou seja, uma gotícula/território de lutas/encontros multiespécies, compartilhada por água, sais minerais e células humanas e não/mais-que-humanas.

Quando alguns estudos⁷ começavam a investigar a disseminação do vírus nos encontros corpo a corpo – pesquisas que apenas recupero na medida em que foram amplamente divulgadas na mídia brasileira visando à conscientização da população da urgência do uso de máscaras – a possibilidade de maior propagação do vírus via maior emissão de gotículas de saliva/perdigotos esteve, nesses discursos, diretamente vinculada à modalidade e à duração da articulação entre aquilo que é da voz e aquilo que é da fala: sussurro, fala normal, grito (além, claro, de manifestações sintomáticas da doença que disseminam maiores e mais numerosas gotículas, como espirros e tosse).

Se o gritar ou o falar alto (modalidades acústicas e enunciativas) emitiriam maior número de gotículas, logo, de potencial carga viral, e, por isso, carregam maior risco de contágio, também passaram a ser acompanhados de outra modalidade de distribuição de vírus por meio de gotículas, dessa vez menores e mais leves (escala de 5 microns de diâmetro), chamadas de ‘aerossol’. A emissão do aerossol tornou-se, assim, um efeito de qualquer modalidade de fala e, inclusive, da respiração. Ademais, por sua leveza e dimensão, os aerossóis flutuariam no ar por mais tempo – o cálculo acusa três horas – o que o tornaria particularmente infeccioso nas sociabilidades e espaços humanos.

Não se trata, nesta seção descritiva, de discutir o estatuto de verdade e de eficácia nos aparatos do âmbito da ciência e tecnologia (Barad, 2017) em torno da infecção do coronavírus, mas de pensar como a voz foi capturada por tais aparatos não mais como fenômeno acústico e, sim, como um fluxo vibrátil de ar que emana do corpo dispersando suas secreções mais ou menos intensamente, com maior ou menor velocidade, fazendo com que maiores ou menores gotículas alcem distâncias variáveis e, principalmente, permitindo um circuito que faz intra-agir, em fronteiras indefinidas, o vírus e o humano, a natureza e a cultura, a materialidade e a língua(gem).

A partir da epidemia de Sars-CoV-2, argumento, aquilo que se constitui como a materialidade da voz deixa de se restringir ao fenômeno acústico, questão de ondulatória e frequência, para ser composto também por essas pequenas gotículas de secreções habitadas por células de diferentes espécies, com as quais

⁷ Um dos estudos mais veiculados àquela altura foi o *Coughs and Sneezes: Their Role in Transmission of Respiratory Viral Infections, Including SARS-CoV-2*, conduzido por Rajiv Dhand e Jie Li nos Estados Unidos (Recuperado em Junho de 2021 de <https://www.atsjournals.org/doi/pdf/10.1164/rccm.202004-1263PP>).

compartilhamos ‘nossos corpos’ mais ou menos harmoniosamente. A boca – um dos pontos de origem da articulação do discurso, como nos ensinam Pedro de Souza (2009) – pulveriza na voz sua umidade, suas secreções e as diferentes formas de vida que nela habitam.

O ponto que quero destacar é que os discursos do novo coronavírus – em que pese aqui a prerrogativa material/agencial de discurso elaborado por Barad⁸ (2017) –, e, entre eles, aqueles que visavam a produção de práticas de si, práticas ascéticas (Foucault, 2003) envolvendo o uso de máscaras, produziram/dispersaram outra forma de capturar a voz em imagens e interferindo mesmo na topologia física onde a voz pode ressoar, recompondo o que configura a identidade do objeto voz. Passo a isso na próxima seção, quando discuto a agência do vírus Sars-CoV-2 nos regimes de audibilidade e visibilidade da voz.

A agência do Sars-Cov-2 – refazendo regimes de audibilidade e visibilidade da voz

Antes de propor os efeitos da agência do vírus Sars-CoV-2 e a catastrófica pandemia que instaura nos corpos humanos – sobretudo brasileiros – na compreensão da voz como um objeto do discurso, gostaria de discutir um pouco a noção de agência desde uma visagem neomaterialista e não antropocêntrica. Parto da forma como a agência tem sido açambarcada em uma Linguística Aplicada de viés pós-humanista, retomando a forma como Penycook (2018), para solicitar uma dada perspectiva de língua, caracteriza o humanismo por, entre outros elementos, praticar uma noção de agência que é puramente humana⁹ e nunca compartilhada com o mundo não-humano ou mais-que-humano.

A agência é um conceito fulcral ao realismo material/agencial Barad (2017). Em sua reflexão, a agência deixa de ser um atributo e passa a dizer respeito ao contínuo reconfigurar do mundo em seus devires material-discursivos. Distribuída entre os sujeitos, os viventes e as materialidades, a agência em tela diz respeito à produção de efeitos, restrições, fronteiras e possibilidades nas/das materialidades dos corpos (novamente, humanos ou não) criaturas e coisas nos quais o poder incide.

Esse poder reivindicado por Barad (2017) em muito se assemelha àquele que, desde uma premissa vitalista, Bennett (2010) nomeia ‘Poder-Coisa’ (*Power-Thing*). O ‘Poder-Coisa’ é um poder positivo, não corresponde apenas à recalcitrância da matéria (sua negatividade, sua capacidade de excluir e limitar, sua relutância em dar-se a conhecer), mas a uma agência e uma criatividade. Há no ‘Poder-Coisa’, que poderia ser referido como o afeto e o *conatus* da matéria (remontando à Espinosa), uma vitalidade vibrátil que afeta e causa efeitos em outros corpos à revelia de uma subjetividade humana, índices do intangível e do imponderável: o ‘Poder-Coisa’ situa-se na zona de estranheza, no limite absoluto da inteligibilidade

Redistribuindo a agência entre mundos humanos, não-humanos e mais-que-humanos, proponho uma série que vincula três estágios da captura da voz em discursos visuais. O primeiro corresponde às representações matemáticas da energia do ar da voz em instrumentos de análise que decompõem graficamente o complexo sonoro. A imagem reproduzida abaixo ilustra um quadro de um *software* chamado Praat, produzido para realização de análises acústicas da fala, um dispositivo importante em áreas como Fonética e Fonologia, na linguística, e fonoaudiologia. Descrevendo resumidamente o quadro, tem-se, no primeiro dos três gráficos dispostos na imagem, uma representação da chamada forma de onda (decibéis ao longo dos segundos), indicando em preto a energia da produção sonora e em azul a vibração das pregas vocais, ou seja, decompõe a voz em intensidade (energia do ar) e em volume em função do tempo. Já no segundo gráfico, chamado espectrograma, são representadas as frequências (fundamental e formantes), em hertz, em função do tempo. O terceiro gráfico, por sua vez, é instrumental da operacionalização do aparato Praat para análise dos chamados segmentos de fala.

O segundo regime de visibilidade da voz que compõe esta série se desloca das expressões gráficas das funções matemáticas da energia do ar decompostas em intensidade e frequência para atravessar a boca e chegar às cavidades do corpo por meio de aparatos do campo biomédico: refiro-me aos exames de laringoscopia, ou seja, exames de imagem das vias aéreas superiores – nariz, laringe e faringe – incluída a visualização das pregas vocais em seus movimentos vibratórios. Convenciona-se, nessa estória dos instrumentos que agencialmente criam inteligibilidade para a voz¹⁰, a narrativa em que, em 1854, o espanhol

⁸ Ou seja, de que “Nem as práticas discursivas nem os fenômenos materiais são ontológica ou epistemologicamente prévios. Nenhum pode ser explicado nos termos do outro. Nenhum tem status privilegiado para delimitar o outro” (Barad, 2017, p. 26).

⁹ Importante retomar também como, em diálogo com pós/decoloniais, Penycook (2018) aponta como se dá reciprocamente a atribuição de agência e de humanidade. Nesse sentido, atribui-se humanidade apenas àqueles que não têm sua liberdade constrita por elementos como linguagem, classe, raça, gênero, sexualidade, desejo, inconsciente ou capacidade.

¹⁰ Faço alusão à articulação entre a linguagem/dispositivo médicos e seus objetos efetuada por Foucault (1977), quando identifica, no instrumento de Bichat, o martelo usado no crânio encefálico, a positividade da emergência de um novo objeto de saber no gesto de adentrar, visualmente, as entranhas.

Manuel Garcia, cantor e estudioso da voz, teria desenvolvido o que hoje se chama laringoscópio a partir de espelhos e da luz solar (Aidos, 2017). O desenvolvimento do instrumento possibilitou a visualização direta e indireta das cartilagens, ligamentos, membranas e músculos que constituem a laringe.

Atualmente, vídeo-laringoscópios feitos de fibra óptica, que causam pouco desconforto durante o exame dado seu tamanho exíguo, permitem que sejam registrados, por exemplo, os movimentos vibratórios das pregas vocais de um tenor ou de uma soprano enquanto cantam. Soma-se à laringoscopia, ademais, a produção de imagens via ressonância magnética, que permitem visualizar o ‘dentro’ dos movimentos musculares, membranosos e articulares envolvidos na emissão fônica. Assim, tanto as imagens audiovisuais da laringoscopia quanto da ressonância magnética têm integrado o arquivo do canto lírico e popular e, nesta série, possibilitado a produção de uma visualidade para a voz. Os referidos regimes de visibilidade para a voz são representados nas Figuras 1, 2 e 3.

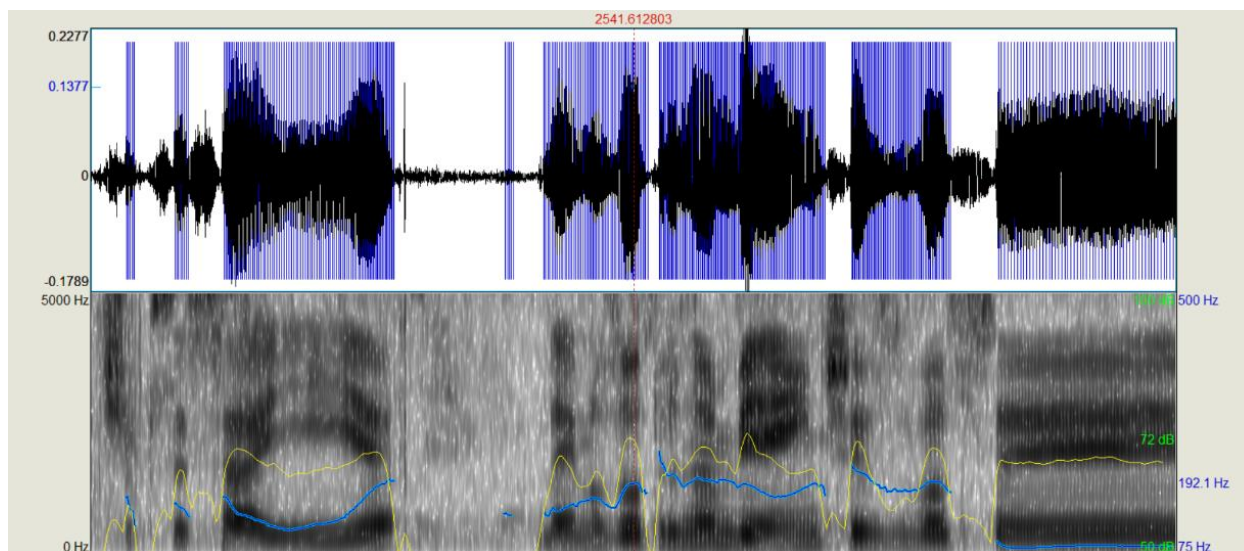


Figura 1. Instantâneo de uma análise acústica no software Praat. Fonte: Elaborado pela autora a partir de software Praat.

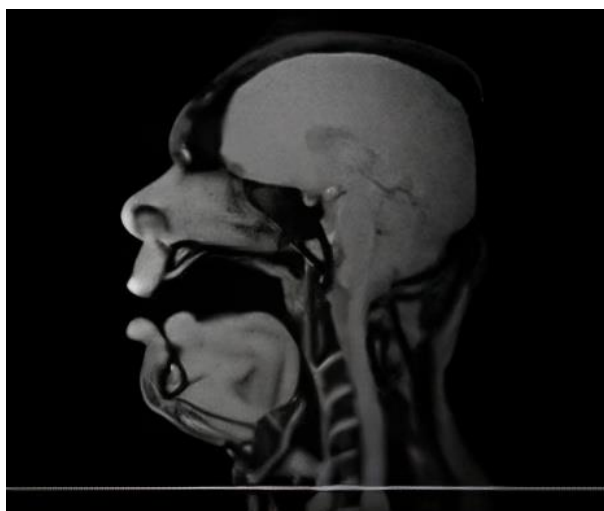


Figura 2. Instantâneo do vídeo *Look inside the head of a opera singer as he performs Wagner*. Fonte: Infinite Quotes¹¹ (2020).

Finalmente, chegamos ao regime de visibilidade da voz produzido na pandemia do Covid-19, um regime que, entre dispositivo-agência-agenciamento, é também efeito de um micro-organismo viral invisível e que, como disse acima, nos solicita considerar uma materialidade não apenas acústica para a voz – em termos de ondas, frequência e intensidade, ou seja, questões que perpassam a energia do ar vocalizado –, mas também ‘ter em vista’ a materialidade de gotículas e aerossóis de diversas secreções habitadas por agentes não-humanos/mais-que-humanos e pulverizadas no movimento enérgico do ar propulsionado no fenômeno vocal.

¹¹ Vídeo recuperado em agosto de 2020 de <https://www.youtube.com/watch?v=f5SUhfwxEI>.



Figura 3. Instantâneo do vídeo ‘Canto. Fisiologia da Voz. Laringoscopia Cantores Líricos’. Fonte: Projetos Musicais¹² (2020).

Para explicar um pouco como funcionaram esses registros do que chamo ‘voz perdigoto’, dialogo com o paper publicado por Anfinrud, Stadnytskyi, Bax e Bax (2020) em 15 de abril de 2020 no *The New England Journal of Medicine*. Buscando entender como aerossóis e gotículas geradas durante a fala estão implicadas na transmissão de vírus pessoa a pessoa, foi realizado um experimento com espalhamento de luz laser (*Laser Light Scattering*) em uma caixa pintada de preto, controlando-se elementos intrusivos, por exemplo, poeira. Alguém, então, falava ‘*stay healthy*’¹³ (algo como ‘mantenha-se saudável’) com voz soprada e o fazia em dois momentos, usando e não usando máscara. O falante encaixava sua boca em uma das extremidades da caixa e as inúmeras gotículas geradas (propagadas e retidas, com o uso ou não de máscara, respectivamente) nessa enunciação atravessavam o feixe de luz, que disparava um *flash*, e foram registradas na câmera de um celular a sessenta quadros por segundo. Observou-se, então, (i) que a máscara retém as gotículas e o aerossol e (ii) que o número de gotículas produzidas aumenta proporcionalmente ao aumento de volume da voz na fala e que tais gotículas são menores se comparadas àquelas provenientes da tosse e do espirro. Na conclusão do paper, os autores afirmam não estar avaliando o papel das gotículas na transmissão de vírus: “*Our aim was provide ‘visual evidence’ of speech-generated droplets [...]*” (Anfinrud et al., 2020, s/p., grifo do autor), ou seja, uma visualidade para a fala oralizada em que a voz torna-se um universo de som, saliva e relações interespecies.

Reproduzo, a seguir, a imagem da emissão de gotículas produzida pelo experimento acompanhada de um gráfico que dispõe o frame da filmagem/tempo em segundos em função da contagem do feixe de luz atravessado pelas gotículas. Dado que imagens produzidas em outros experimentos são um pouco mais figurativas do movimento da voz (a presença de contornos humanos, por exemplo), reproduzo também um instantâneo do documentário ‘*covid-19 – Fighting a Pandemic*’ (2020), produzido pela rede NHK Japão onde vê-se a filmagem feita pelo *National Institute of Infectious Diseases* do Japão com estratégias similares às do primeiro estudo, dessa vez exibindo duas pessoas conversando e a dispersão de gotículas de saliva.

Na Figura 4, do estudo de Anfinrud et al. (2020), apresenta-se, na linha de pontos cintilantes que registram o traço dispersivo de gotículas e aerossóis formada entre o canto superior esquerdo até a extremidade inferior direita, um trajeto da voz, não mais puramente acústica, mas capturada em uma materialidade discursiva que a complexifica com saliva e micro-organismos. Nesse sentido, o vetor sonoro, vocálico do enunciado ‘*Stay Healthy*’ dito oralmente no experimento é mais ou menos interceptado em sua representação/presença por materialidades corporais não-humanas – Bennett (2010) diria tratar-se do ‘*it*’ no ‘*I*’. Já na Figura 5, instantâneo de documentário (NHK, 2020), é inevitável a alusão às ‘cabeças flutuantes’ (Penycook, 2018) de Saussure (Saussure, 2004). Contudo, desta feita, a idealidade do signo linguístico, em sua faceta imagem acústica (Saussure, 2004), enunciado de um sujeito abstrato a outro, é substituída pela presença (i) da voz sem órgãos (Mazzei, 2013) como uma *assemblage* mais-que-humana dispersiva em saliva e – potencial – carga viral; e (ii) de corpos determinados, de etnia determinada, gênero determinado e enunciados determinados, material-discursivamente presentes em um complexo agenciamento. Passo aos deslocamentos no regime de audibilidade da(s) voz(es) instaurados pela pandemia de Sars-CoV-2.

Convencida a população quanto ao uso de máscaras (ou nem tanto) instaura-se uma nova geografia da voz. O gesto de cobrir a boca pela máscara transforma a experiência cotidiana de escuta em algo que beira uma experiência acusmática (Chion, 2005): a voz ressoando sem uma origem visual identificável. O estranhamento causado pelas ondas que soam sem boca de onde emanam poderia, espelho, dialogar com uma prática que se propagou no Brasil ao longo da pandemia, que é o uso de máscaras arriadas à altura do queixo. A isso assoma-se o fenômeno da sutil difração das ondas sonoras promovida pelas máscaras, razão pela qual, durante a pandemia, é requisitado que as vocalizações tenham sua intensidade (volume) ampliado para manutenção da amplitude de onda necessária.

¹² Vídeo recuperado em agosto de 2020 de <https://www.youtube.com/watch?v=OHEX2-aL1UI>.

¹³ Vídeo recuperado em maio de 2021 de <https://www.youtube.com/watch?v=UNHgQesso>.

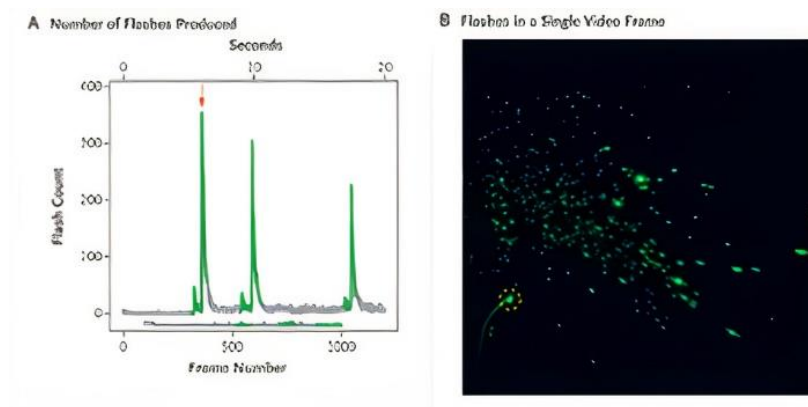


Figura 4. Imagem dos aerossóis e gotículas de saliva na fala. Fonte: Anfirud et al. (2020).



Figura 5. Instantâneo documental covid-19 – *Fighting a Pandemic*. Fonte: NHK¹⁴ (2020).

Se em uma das parcelas do mundo pandêmico – a dos espaços públicos compartilhados, do corpo a corpo – a voz convive intimamente com o risco da infecção e com uma geografia caracterizada pelos obstáculos ao seu soar, no ambiente doméstico – agora, para Preciado (2020) consolidado como uma tele-república hipertecnológica – intensifica-se um trajeto da voz digitalizada, um caminho encontrado pelos corpos, pelos sujeitos e por suas vozes quando a voz e o encontro são riscos. A topologia diz respeito ao recrudescimento das práticas de troca de mensagens de áudio em redes sociais, de gravação e postagem de vídeos, de realização de videoconferências e videochamadas e, finalmente, de *lives*, como estratégias de produção de uma voz segura e asséptica e de saturação da produção de um efeito de presença dos corpos em momento de distanciamento social e confinamento doméstico. Penso aqui também em um certo modo fático de enunciar (‘você me ouvem?’, ‘minha voz está travando?’) que se remete à voz como aquilo que instaura a possibilidade de nossas presenças uns com os outros.

A voz tomada como presença – em detrimento da dinâmica de representação – tem sido desde há muito enunciada (Zumthor, 2005; Dolar, 2007; Cavarero, 2011; Schlichter, 2011; Jarman-Ivens, 2011; Camozzato, 2017; 2020), pensando-se, no mundo humano, a ética relacional – ou ontologia relacional, para Cavarero (2011) – que ela solicita. Considerando o corpo em encontro com a língua(gem) na voz, atentar à voz no momento pandêmico, tal como posto por López (2021), acaba por reverberar em uma outra modalidade de experiência sensível, no isolamento social, ao medo, à distância e à vulnerabilidade, o que, por sua vez, acaba por realçar os efeitos de presentificação, comunicação e solidarização que a voz capturada por tecnologias produz, conectando-nos. Ademais, ainda em diálogo com López (2021), essa interpenetração entre voz, presença, precariedade e risco que demanda novas modalidades de escuta também acaba por demandar escutas atinentes às vozes nunca escutadas, vozes tornadas ‘ruídos de fundo’, vozes estranhas, queer (Jarman-Ivens, 2011), racializadas, que, ainda que partilhem da ontologia ‘voz humana’ recebem o estatuto secundário, menos-que-humanas. Vozes que vêm de corpos cujas vidas não são enlutadas (Butler, 2015).

¹⁴ O documentário foi recuperado em agosto de 2020 de <https://www3.nhk.or.jp/nhkworld/en/tv/documentary/20200326/5001289/>.

Nesse sentido, gostaria de propor a possibilidade de que, neste estágio de uma já longa convivência brasileira pandêmica – perigosa e mortal – com Sars-CoV-2, o regime de audibilidade da voz se modificou não apenas no circuito de ressonância das ondas acústicas em fenômenos difrativos encetados pelo uso de máscara e dispersivos dada a entrada da voz na zona de perigo de contágio. Ventilou, assim, uma estória em que o renovado estatuto de presença adquirido pela voz agenciada nas políticas profiláticas de distanciamento social (falo do tipo de contato particular que a escuta das vozes enceta em videoconferências, troca de mensagens de áudio, ligações telefônicas etc.) acaba, novamente, por apontar para o que há de *zoé* na *bios*, o que há de corpo na linguagem/discurso/dispositivo. Neste caso, trata-se de um corpo-voz-*zoé*-presença que não assinala apenas a vulnerabilidade e a morte – sobretudo em regimes de exceção, tal qual postulado por Agamben (2011) – mas uma cartografia vital/corporal afirmativa pós-humanista (Braidotti, 2013), tanto lúcida quanto aos limites da vida partilhada na Terra quanto prenhe de possibilidades éticas, responsabilidades, devir-com, escuta, encontro, distribuição de agências. Em suma, aquilo que Braidotti (2015) denomina *zoépolitics*.

Conclusão

Se, para Haraway (1993), em diálogo com Spivak, a categoria “humano” é algo que não podemos não querer, ou seja, de que ainda não podemos nos desfazer política, ética e ontologicamente, dada sua aliança com direitos e com premissas de liberdade (Braidotti, 2013), também é necessário, a partir das teorias pós-humanistas, construir “[...] uma humanidade coletiva sem o enclausuramento cósmico da categoria não marcada” (Haraway, 1993, p. 285).

Assim, a aposta deste artigo, que tomou a voz como agenciamento humano e não/mais-que-humano, é justamente inscrever a possibilidade de reflexões que aproximem línguas(gens), materialidades e relações interespecie, de forma a, sutilmente, solicitar, no campo dos estudos do discurso em que me inscrevo, o diálogo com teorias que façam uma viragem onto-epistemológica crítica ao sujeito do humanismo, à sua autodeterminação e idealidade – inclusive linguística –, desde uma perspectiva ética atinente às outras formas de vida com que partilhamos nossos territórios – incluindo ‘nossos’ corpos – e às vidas humanas rebaixadas ao estatuto menos-que-humanas, propondo, assim, outras noções de fronteiras (por exemplo, entre sujeito e objeto), mais flexíveis e localizadas e menos orientadas por uma lógica binária, hierárquica e opositiva.

Referências

- Agamben, G. (2008). *Infância e história. Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Agamben, G. (2011). *Estado de exceção*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Aidos, J. R. M. S. (2017). *História e desenvolvimento da laringoscopia. Revisão bibliográfica* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Anfinrud, P., & Stadnytskyi, V., & Bax, C. E., & Bax, A. (2020). Visualizing speech-generated oral fluid droplets with laser light scattering. *New England Journal of Medicine*, 382(21), 2061-2063.
DOI: <https://doi.org/10.1056/NEJMc2007800>
- Barad, K. (2017). Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. *Vazantes*, 1(1), 7-34.
- Bennett, J. (2010). *Vibrant matter - a political ecology of things*. London, GB: Duke University Press.
- Braidotti, R. (2013). *The posthuman*. Cambridge, GB: Polity Press.
- Braidotti, R. (2015). Posthuman affirmative politics. In S. E. Wilner, & A. Žukauskaitė (Eds.), *Resisting biopolitics – philosophical, political, and performative strategies* (p. 30-56). New York, NY: Routledge.
- Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Butturi Júnior, A. (2019a). É a linguagem um dispositivo? (ou o linguista enrubescido). *Revista da Abralin*, 17(2), 350-375. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v17i2.510>
- Butturi Júnior, A. (2019b). O hiv, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 58(2), 637-657. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103181386555542019582>
- Butturi Júnior, A. (2020a). A polivalência tática dos discursos sobre a soropositividade e os dispositivos do fast foda. *Cadernos Discursivos*, 1(1), 21-39.
- Butturi Júnior, A. (2020b). Biopolítica, asfixia e pandemias no Brasil: sobre a aids e a Covid-19. *Linguasagem*, 35(1), 98-118.

- Buzato, M. E. K. (2016a). Towards an interdisciplinary ICT applied ethics: language matters. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 16(3), 493-519. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6398201610240>
- Buzato, M. E. K. (2016b). Cidadania pós-social e encontros pós-humanos: integrando sentido, informação e emoção. In M. E. K. Buzato (Ed.), *Cultura digital e linguística aplicada: travessias em linguagem, tecnologia e sociedade* (p. 173-204). Campinas, SP: Pontes.
- Buzato, M. E. K. (2018). Ética e linguagem nos encontros pós-humanos. In *I Congresso Internacional Em Humanidades Digitais* (p. 148-156). Rio de Janeiro, RJ.
- Buzato, M. E. K. (2019). O pós-humano é agora – uma apresentação. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 58(2), 478-495. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/010318135657412822019>
- Camozzato, N. M. (2016). A linguística como matriz colonial: a questão das práticas orais afro-brasileiras. In I. B. Leite, & C. Severo (Eds.), *Kadila: culturas e ambientes - diálogos Brasil-Angola* (p. 321-342). São Paulo, SP: Blucher.
- Camozzato, N. M. (2017). *O samba em pessoa: Aracy de Almeida e o dispositivo da oralidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina.
- Camozzato, N. M. (2020). Vozes dissonantes, gênero e heterotopia. *Porto das Letras*, 6(1), 250-275.
- Cavarero, A. (2011). *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Chion, M. (2005). *La voix au cinéma*. Paris, FR: Cahiers du Cinéma.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil – platôs vol. 1: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2006). *Mil – Platôs vol. 2: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Dolar, M. (2007). *Una voz y nada más*. Buenos Aires, AR: Manantial.
- Ferrando, F. (2019). Pós-humanismo, transumanismo, anti-humanismo, meta-humanismo e novos materialismos – diferenças e relações. *Revista de Filosofia Aurora*, 31(54), 958-971. DOI: <http://doi.org/10.7213/1980-5934.31.054.TD01>
- Foucault, M. (1977). *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2003). *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2008). *Nascimento da biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo, SP: N-1 Edições.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (42a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Haraway, D. J. (1993). O humano numa paisagem pós-humanista. *Estudos Feministas*, 1(2), 277-292. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Haraway, D. J. (2008). *When species meet*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- Haraway, D. J. (2009). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In D. J. Haraway, H. Kunzru, & T. Tadeu (Orgs.), *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano* (2a ed., p. 33-118). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Haraway, D. J. (2016). *Staying with the trouble – Making Kin in the Chthulucene*. London, GB: Duke University Press.
- Jarman-Ivens, F. (2011). *Queer voices: technologies, vocalities, and the musical flaw*. New York, NY: Palgrave MacMillan.
- López, M. R. A. (2021). *Voz e con-tato*. São Paulo, SP: N-1 Edições.
- Mazzei, L. A. (2013). A voice without organs: interviewing in posthumanist research. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 26(6), 732-740. DOI: <https://doi.org/10.1080/09518398.2013.788761>
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo, SP: N-1 Edições.
- Oliveira, C., & Teixeira, A. (n.d.). *Praat*. Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro/Licenciatura em terapia da fala. Recuperado de <http://www.usp.br/gmhp/soft/praat.pdf>
- Pennycook, A. (2018). *Posthumanist applied linguistics*. London, GB: Routledge.
- Preciado, P. B. (2017). Cartografias queer: o flâneur perverso, a lésbica toposfóbica e a puta multicartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra”1 com annie sprinkle. *Performatus*, 5(17), 1-32.
- Preciado, P. B. (2020). *Aprendendo do vírus*. São Paulo, SP: N-1 Edições.
- Rolnik, S. (2006). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Saussure, F. (2004). *Curso de linguística geral* (26a ed.). São Paulo, SP: Cultrix.

- Schlichter, A. (2011). Do voices matter? vocality, materiality, gender performativity. *Body & Society*, 17(1), 31-52. DOI: <https://doi.org/10.1177/1357034X10394669>
- Souza, P. (2009). *Michel Foucault: o trajeto da voz na ordem do discurso*. Campinas, SP: RG.
- Zumthor, P. (2005). *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*. Cotia, SP: Ateliê.